

1 – Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição. É editora da revista eletrônica Linguasagem do Departamento de Letras da UFSCar. E-mail: ligiamenossi@gmail.com

2 – Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Além disso, é pós-doutorando em psicologia na Universidade de São Paulo. E-mail: marcoalmeidarui@gmail.com.

HUMOR E(M) DISCURSO NO YOUTUBE: O POLÍTICO EM DERRISÃO

ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de¹
RUIZ, Marco Antonio Almeida²

RESUMO: Neste artigo buscamos analisar o discurso político derrisório veiculado no YouTube. Mais especificamente, selecionamos duas videomontagens intituladas: Lula o analfabeto e Lula Bebum, que circula(ra)m na mídia à época das eleições presidenciais brasileiras de 2006, ambas têm como alvo derrisório o então candidato Luís Inácio Lula da Silva. Assim, no campo do político, esse processo é tomado como um mecanismo de expressão tendo como escopo descaracterizar a figura do ex-presidente trazendo algumas de suas falas e aparições em diferentes momentos por meio do recorte de vídeos ou imagens intercalados pelo discurso derrisório. Para tal, o sentido que se pretende construir pelo produtor é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona, muitas vezes, a construção do humor como resultado.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, derrisão, videomontagens, humor.

ABSTRACT: In this article we seek to analyze the derisive political discourse aired on YouTube. More specifically, we selected two video montages entitled: Lula the Illiterate and Lula Bebum, who circulates in the media at the time of the 2006 Brazilian presidential elections, both of whom have the derisory target of then-candidate Luís Inácio Lula da Silva. Thus, in the political field, this process is taken as a mechanism of expression with the purpose of uncharacterizing the figure of the former president bringing some of his speeches and appearances at different times through the clipping of videos or images interspersed by derisory speech. To this end, the meaning that the producer intends to construct is always through implicit elements provided by the surprise that often provides the construction of humor as a result.

KEY-WORDS: Speech, derision, video montage, humor.

1 - INTRODUÇÃO

No Brasil e no exterior, inúmeros trabalhos de pesquisa, em diferentes campos do conhecimento, têm tomado o discurso político como objeto digno de reflexão. Contudo, poucos são os trabalhos que se debruçaram de forma mais demorada sobre o discurso político tornado em derrisão, especialmente, aquele dado a circular pela mídia virtual. Nesse sentido, buscamos, neste artigo, dar conta minimamente dessa lacuna refletindo sobre o discurso político derrisório veiculado no site do YouTube.

Temos, com isso, os seguintes objetivos: em que medida podemos considerar que a derrisão exerça um papel social e pensar como se constrói a derrisão discursivamente. Para tal, foram selecionadas duas videomontagens intituladas: *Lula o analfabeto* e *Lula Bebum*, que circulam no site www.youtube.com.br à época das eleições presidenciais brasileiras de 2006, ambas têm como alvo derrisório o então candidato Luís Inácio Lula da Silva. Para o desenvolvimento teórico e metodológico, embasamos nossas reflexões na análise do discurso de matriz francesa, concebida, em 1969, pelo filósofo Michel Pêcheux. Todavia, em virtude de nossa temática central, somos instados a mobilizar outros teóricos do discurso tais como Simone Bonnafous (2003), Nelly Feuerhahn (2001), Arnauld Mercier (2001) e Henri Bergson (2004).

Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003, p.35), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria”. Além disso, admitidos ou contestados, muitos valores humanos são alvo constante dos discursos derrisórios e, por isso, o riso da derrisão exerce uma dinâmica sócioemocional em que a violência desempenha efeitos variáveis sobre as trocas que ocorrem, isto pode abrir um vasto campo de análise. Enquanto procedimento metodológico, buscamos compreender as videomontagens no batimento descrição e interpretação, explicitando as regularidades enunciativas das diferentes materialidades significantes que constituem esse gênero discursivo e comprovam a inserção das videomontagens na categoria

de discursos derrisórios; além disso, elas mostram o resgate de ideias realizado resultando num percurso de desconstrução e ataque a imagem do político. Resgate de ideias que envolvem o candidato, mas que, ao serem engendradas pelo produtor das videomontagens, quebram uma linearidade esperada provocando humor e por consequência o riso.

Assim, nas videomontagens que compõem nosso material de análise, a derrisão tem como alvo de descaracterização o ex-presidente Lula e é tomada como um mecanismo de expressão política tendo como escopo desconstruir a figura do ex-presidente trazendo algumas de suas falas e aparições em diferentes momentos por meio do recorte de vídeos ou imagens intercalados pelo discurso derrisório. Há questões que são levantadas e buscam a polêmica, por isso é possível afirmar que nelas a derrisão tem um modo eminentemente de contestação se referindo ao ex-presidente da república.

1. O DISCURSO DERRISÓRIO

Em francês *dérision*, em português derrisão; este termo/vocábulo que instiga nossa investigação tem origem no século XIII, no baixo latim *derisio*, *derideri* que incita o sentido de “fazer pouco de” algo ou alguém. Tem como seu significado a zombaria, o “desprezo que incentiva o riso, trazendo o divertimento de alguma coisa à alguém” ou “coisa insignificante, irrisória”, ainda no dicionário eletrônico *Le Petit Robert* encontramos como sinônimos de derrisão os termos *desdém*, *ironia*, *escárnio*, *zombaria*, *troça*, *riso sarcástico*. De maneira sucinta, diríamos que quando se diz alguma coisa por meio da derrisão se caçoa de alguém de forma a desprezá-lo.

Quando pensamos a derrisão no processo de desenvolvimento da AD, é possível tomá-la como uma nova questão a ser investigada já que estudiosos e pesquisadores desde a abertura para novas discursividades – 1983 – vêem a necessidade de levantar novas questões e buscar outros objetos de análise além do discurso político. Isto devido à construção e a desconstrução que levou Pêcheux e seus

colaboradores a reflexões e produções de inúmeros trabalhos que fizeram com que a AD se abrisse para novas discursividades e tornou-se imperativo buscar esses outros objetos que agora vemos também inseridos em novas materialidades discursivas, como a que tratamos aqui – vídeomontagens abrigadas em uma rede social como o YouTube.

Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita, faz uso dessa ferramenta argumentativa com jogos de palavras de “efeito injurioso”. Ele ridiculariza a todos aqueles que ele considera adversários, muitos deles jornalistas, e manipula o auditório ou os leitores pelo riso ou por uma admiração conseguida pela capacidade inventiva de utilizar a linguagem, evitando e atenuando alguns possíveis embates ao se abrigar na brincadeira. Seu maior alvo são as ideias, a política e os programas de seus adversários e como forma de descaracterizá-los, o líder de extrema-direita, tem como arma favorita a derrisão para poder convencer os eleitores do seu carisma e, principalmente, da sua honestidade e transparência. Isto por meio de “ataques” a quem puder questioná-lo:

Com seus jogos de palavras e suas *blagues* de “efeito injurioso”, Jean-Marie Le Pen vence em, pelo menos quatro aspectos. Ele denigre e ridiculariza seus adversários, o que é seu objetivo primeiro; ele se esquia de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; ele “manipula” seu auditório ou seus leitores pelo riso ou pela admiração conseguida pelas suas proezas verbais e suas invenções; e, o que não é negligenciável, ele evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira. Se a derrisão lepenista toma pessoas como alvo, são, contudo as idéias, a política e os programas de seus adversários que o líder de extrema direita combate em primeiro plano. Também nesse caso a derrisão é uma de suas armas favoritas (BONNAFOUS, 2003, p.42).

Segundo Nelly Feuerhahn (2001), o ridículo e a derrisão têm como ponto em comum o desprezo, o fato de subtrair do objeto a sua valorização, excluindo os objetos sociais desprezíveis, por isso, o riso da derrisão é um riso sobre objeto que se desvaloriza. Rir dele é se colocar à distância e, com isso, acontece um duplo movimento: de um

lado reforçam-se bem os valores negativos a um objeto e, de outro, coloca-se a distância do mesmo. Sua dimensão atinge uma configuração de contestação de princípios que são largamente aceitos, mas que “devem” ser contestados. Assim, o que mais interessa na derrisão é estudar essa contestação de valores que circulam em determinado momento sócio-histórico como honestidade e transparência.

A presença de um sic sarcástico pode denotar um caso de derrisão como explica Alice Krieg (1999) quando mostra o recorrente uso deste recurso na imprensa de extrema-direita francesa para salientar equívocos ortográficos ou ironizar e para condenar o uso “estranho” de uma palavra de maneira implícita e por extensão descaracterizar as ideias da esquerda francesa. Todavia, ele é caracterizado como uma forma de covardia argumentativa, pois somente aponta o suposto equívoco sem apontar o que seria “o correto” ou mesmo sugerir outro vocábulo. A cada (sic) que acompanha as palavras utilizadas por aqueles a quem a extrema-direita trava sua luta, ela torna ridículo esse discurso que lhe é exterior ao tentar denotar o que o permeia como extravagante, improvável ou delirante, desse modo, representa esse discurso como caracterizado por mentiras e enganos; por apresentar-se de maneira sarcástica, promove o humor sendo que a piada espirituosa bem encaixada tem algo de obsceno e de covarde, desenhando esse prazer no implícito trazido pelo sic e produzindo o que chamamos derrisão.

Na França, em 2001, a derrisão foi tema da Revista *Hermès* intitulada *Dérision - Contestation* – sob a coordenação de Arnaud Mercier –, consolidando a vontade dos estudiosos em torná-la uma subdisciplina. Isto porque a derrisão é praticada na fala de uma maneira mais regular do que se possa admitir; além disso, comporta uma competência sócio-emocional muito maior do que aparece à primeira vista. Segundo Mercier (2001), a derrisão possui virtudes revolucionárias inegáveis porque afirma uma inversão simbólica e temporária da ordem política, é capaz de associar perspectivas de resistências sociais e individuais revelando uma dialética entre

contestação e regulação. Na contestação, ao ritualizar seu discurso, ela se utiliza de uma violência simbólica eminentemente verbal que freia, parcialmente, as possibilidades de questionamentos mais violentos que possam surgir dos poderes objetados; de maneira elegante, serve como recurso criativo para incidir contra as convenções tidas como extremamente rígidas. Como regulação, ela pode, ao ser tolerada e controlada pelo poder, contribuir para a perenização dos sistemas de dominação, de seus valores e códigos culturais.

O autor discute que o indivíduo em sociedade tornou-se obrigado a respeitar muitos códigos de comportamento, o poder e suas instituições monopolizaram a violência sendo que essas instituições têm por missão ordenar e dirigir a agressividade natural, isto é, a vida em sociedade impôs uma reformulação da violência por meio de um “acordo”: o abandono da agressividade individual em troca da garantia de segurança proporcionada coletivamente pelo poder. Porém, esse potencial de violência veementemente alimentado pela ansiedade pode ser reprimido ou diminuído se as reações hostis forem investidas em outro lugar, mas, de alguma forma, considerado tolerável. Liberar a agressividade de maneira socialmente aceitável é o que permite os recursos da derrisão, poder dizer sem sofrer a censura apelando à criação de um princípio de prazer transgressor tolerável (MERCIER, 2001). Portanto, tornar algo em derrisão, em riso, é um meio de liberar aquela agressividade contida, supostamente inexprimível.

Os políticos estão se tornando cada vez mais alvo da derrisão popular que libera sua agressividade utilizando-se dessa ferramenta que não conduz a nenhum dano imediato já que as piadas podem consistir em uma das únicas armas disponíveis para combater determinado regime ou até para tentar desfazer de alguma construção teórica que apoia a ideologia do poder (MERCIER, 2001). Em suma, diríamos que a derrisão se apresenta ora como um jogo, ora como algo que não se pode aprisionar, pois não é possível percebê-la na sua totalidade isto porque ela é mutante; e, por isso, torna-se uma

forma socialmente aceitável de exprimir a agressividade. De fato, “o humor permite dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas” (MERCIER, 2001, p.11, tradução nossa).

Expressar-se por meio da derrisão é um ato e, então, uma prova de existência do indivíduo em sociedade, em virtude desse fator ela está relacionada fundamentalmente a afirmação de si. O ser humano quer marcar sua superioridade visto que teme ser dominado, se sentir inferior, dar provas de sua não submissão; para isso, ele escolhe uma vítima, elenca qualidades desvalorizantes de acordo com a identidade de cada uma e o sentimento de superioridade. Para tanto, os indivíduos se agrupam para compartilhar dessa ferramenta contra a ansiedade e assim, ao escolherem um *bode expiatório* atuam derrisoriamente por uma temática que fortalece e reafirma a identidade do grupo devido aos valores que se tem em comum para então incidir sobre o alvo salientando que ele não é parte integrante da coletividade que pretende afirmar-se. (MERCIER, 2001). O que irá variar no alvo escolhido são as piadas que podem ser de caráter profissional, sexual, regional, nacional, étnico, religioso, moral.

Além da reafirmação de pertencimento a determinados grupos já existentes, a derrisão propõe ao seu auditório a comunidade do riso, que permite uma identificação positiva na daqueles que tem senso de humor. Primeiro porque o riso é a afirmação para o outro da sua individualidade, da sua liberdade e é a oportunidade de mostrá-la assim como perpetuar sua capacidade de compreender ou fazer rir e assim entrar em convivência com o outro. Ela se assemelha a uma comunicação libertadora, que inaugura uma comunidade do riso composta por indivíduos que entendem os mesmos fatos, que tem um mesmo sistema de valores e um mesmo repertório de humor (MERCIER, 2001).

A característica de liberdade da derrisão possibilita o nascedouro de uma forma de expressar-se com criatividade. Expressar-se pela derrisão é, na verdade, uma maneira de se afirmar

contra, a fim de debochar sobre outra coisa, sobre uma visão renovada, sobre uma criação diferente.

Numerosos são os exemplos artísticos onde um dos primeiros recursos criativos é a vontade de colocar em jogo os códigos socioculturais de uma época ou dos códigos de criação. O trote, o pastiche, são os modos de intervenção artísticos bem conhecidos e difundidos. Expressar-se em derrisão na língua, nos códigos de escrita formam ainda uma usual dinâmica criativa. Usado para contornar a censura, para afirmar um espírito rebelde ou pelo « prazer da diversão », a utilização dos mecanismos da derrisão é uma fonte de inspiração para reforçar a sua criatividade, porque se propõe a um contra-modelo negativo. Neste caso, a fronteira entre intenção destrutiva e condução criativa é certamente tênue, mas pela necessidade de clareza de exposição, parece mais prudente separar as duas intenções (MERCIER, 2001, p.13, tradução nossa).

Outra característica que envolve a derrisão é a noção de catarse (MERCIER, 2001), que também está ligada a liberação da agressividade. Essa questão pode ser tomada como primordial e preponderante para uma determinada ordem social já que ao liberar-se pela agressividade o indivíduo pode canalizar frustrações que seriam expressas por meio da violência e pode também, com o intuito de afirmar-se socialmente, utilizar os mecanismos derrisórios acalmando atitudes que poderiam ser reprovadas. A catarse – que também funciona de modo agressivo – é levantada por Mercier (2001) como fundadora da derrisão; no entanto, ela diferencia-se da noção pura de agressividade citada acima porque ela seria a resposta vingativa a uma colocação feita anteriormente, o produtor do discurso derrisório teria uma reação para denegrir o alvo que o incitou em algum momento. É o caso já citado de Je Marie Le Pen, político francês da extrema-direita que tem como vítimas das suas estratégias de derrisão os jornalistas, pois ele visa subtrair-lhes a credibilidade e ao mesmo tempo escapar de questões embaraçosas elaboradas e colocadas por eles (BONNAFOUS, 2003).

Vista sob o viés psicanalítico (MERCIER, 2001), a catarse pode ser entendida como o mecanismo de trazer a consciência estados afetivos e frustrações instaladas no inconsciente e, por conseguinte é

capaz de liberar sintomas associados a esse bloqueio. De alguma maneira, permite um prazer ligado a transgressão, de um não-respeito ao tabu; logo, o ser humano é levado a reprimir seus impulsos; todavia, a derrisão autoriza o indivíduo a exprimir de forma indireta e socialmente aceita seus impulsos, a *energia psíquica* utilizada para bloquear estes impulsos é exteriorizada ao se produzir o riso. Ao transcorrer em seu artigo sobre algumas proposições de Freud¹, Mercier afirma que

a derrisão será um artifício pertencente provisoriamente aquela simbiose entre inconsciente e consciente, simbiose necessária periodicamente ao homem para não cair no nervosismo, ainda que a impusesse ao indivíduo privações e restrições (2001, p.14, tradução nossa apud FREUD, 1930, p.158).

Para poder entender a catarse, diríamos que devemos associá-la à noção de liberação da agressividade como forma de purificar o indivíduo, produzir uma sensação de alívio. É o que se pode chamar de cômico grave – que gera um grande prazer –, sendo que quem sente esse prazer é somente aquele que praticou a transgressão. Seu objetivo, portanto, seria levar o indivíduo ao equilíbrio, ao bem-estar de um sistema social, é uma forma de “evoluir” aquilo que supostamente não se poderia “tirar do lugar”. Chega-se, então, à questão da regulação social, e uma das formas para que ela aconteça é a partir da reflexão por meio da contestação. “É um modo de não se usar a violência física convidando os indivíduos a compreenderem a agitação em torno do alvo” (MERCIER, 2001, p.14, tradução nossa).

Portanto, é possível considerar que a derrisão seja, sem dúvida, um bom equilíbrio de um sistema social, dilacerado pelas demandas do assujeitamento social e sempre ameaçado por uma deriva destrutiva. Isto porque o riso associado à fixação em derrisão não procura somente desestabilizar as normas e os valores sociais; pelo contrário, o riso tem uma função de corretor social, ele também apoia as convenções (BERGSON, 2004).

¹ FREUD, Sigmund. *Le Mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*. Gallimard, Paris, 1930.

O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de *gesto social*. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social (BERGSON, 2004, p.15).

Diríamos, então, que o riso aprova aquilo que está muito distante das normas sociais como não respeitar as convenções, mas também como regulador social, ele traz a norma de volta, isto é, impõe um enrijecimento contra a fluidez da vida social (MERCIER, 2001) sendo esta a fonte do cômico que se “propõe” construir.

Podemos observar a ambiguidade que se instala na derrisão já que ela pode abrandar determinadas normas sociais e exaltá-las quando imperioso para a consolidação relativamente momentânea de determinados fins. Há uma ambivalência de certas formas de derrisão política, isto porque a derrisão construída na política pode também ser encarada como um modo de reformar suas próprias ideias. Ela é ferramenta útil para a construção de um discurso contestador que regula outros discursos e ao mesmo tempo impõe sua própria dinâmica; assim a redução das tensões se opera por uma recodificação dos conflitos em termos que permanecem discursivos (MERCIER, 2001).

2. A CONSTRUÇÃO DA DERRISÃO EM VÍDEOMONTAGENS DO YOUTUBE

Nesse caminho de reflexão, pensamos como a derrisão funciona em vídeomontagens postadas no YouTube. Para tanto, partimos da pergunta: quais são as três principais regularidades derrisórias mobilizadas na tentativa de descaracterizar o então candidato à reeleição presidencial de 2006, Luiz Inácio Lula da Silva? Assim, objetivamos realizar a análise discursiva que será perseguida à luz do batimento descrição e interpretação.

Lula o analfabeto e *Lula Bebum* são as vídeomontagens trazidas para análise. Já no título é possível notar que a primeira regularidade derrisória seria o presidente Lula, a personagem principal, o alvo de *debicagem* da derrisão construída e todos os

elementos que podem envolvê-lo como cidadão são salientados sempre de modo negativo. É possível afirmar que nelas a derrisão tem um caráter eminentemente de contestação se referindo ao presidente da república, a maior liderança política do país. Esse caráter de *contestação* é o que mais difere a derrisão das outras formas de humor, diferente do escárnio que se mostra também como uma descaracterização grotesca, a derrisão tem mais um papel social de *contestação* e por consequência *regulação social*.

A segunda regularidade derrisória levantada é a afirmação de que Lula é burro. A falta de escolaridade, o fato de não ter frequentado ensino superior resgatam uma memória social de que ele é incapaz, ignorante perante a sociedade e, por isso, não pode ocupar o cargo de presidente. Vejamos em *Lula o analfabeto* e *Lula Bebum* respectivamente.



figura 1 (01:57 – 02:05)

E2: “e uma novidade que talvez vocês não conheçam ainda o agádil que é o óleo vegetal diretamente misturado e refinado na refinaria”

Soa a campainha



figura 2 (02:06 – 02:09)

Na sequência acima, extraída da videomontagem *Lula o analfabeto*, temos a associação entre o presidente utilizar um vício de linguagem e, por isso, ele ser ignorante e burro; como se ele

supostamente não soubesse onde foi refinado o óleo vegetal citado. Todavia, devemos nos ater ao fato de que na linguagem oral o uso de pleonasma é recorrente, por tratar-se de uma fala não ensaiada, um discurso que não foi previamente preparado, julgamos que a ideia apenas reproduz o que mais ouvimos no senso comum “O Lula não sabe falar, é burro”. Em *Lula o analfabeto*, o objetivo de descaracterizá-lo como iletrado é constante, no recorte acima, assim como em outros, está ligada a ideia da utilização “equivocada” da língua a burrice e ignorância de Lula. Há, nesse recorte, “um raciocínio falacioso de que escrever de acordo com a norma ortográfica de uma língua é sinônimo de inteligência” (BARONAS, 2008) socialmente aceita.

Tal raciocínio, embora veiculado e cotidianamente alimentado pela mídia, povoa o imaginário linguístico da grande maioria da população brasileira a qual considera qualquer manifestação linguística que esteja fora do que é concebido pelas gramáticas e dicionários como correta como algo feio, deturpado, deficiente, não-língua e, principalmente, como sinônimo de *atraso mental* (BARONAS, 2008, p. 149, grifo nosso).

Contudo, é importante registrar que o fato do presidente não utilizar a norma culta da língua também vem associado a outras questões como a incompetência, a corrupção, a falsidade.



figura 3 (01:49 – 01:55)



figura 4 (01:56 – 01:59)

Em *Lula Bebum*, a forma direta é um dos recursos mais utilizados, o sujeito-enunciador utiliza-se da imbricação imagem mais materialidade linguística para construir um sentido. Encontramos a fotografia de um burro na frente de uma cerca de madeira e um pasto, antecedido por uma sobreposição de uma tarja vermelha com a

sentença escrita em branco: *mas não passa de um...* que submerge cinco segundos antes da imagem. Entendemos que esse *estilo* direto utilizado em *Lula Bebum* pode caracterizar uma forma de liberar a *agressividade* contida que não poderia ser expressa; a ansiedade criada em torno da melhora do país e dos problemas sociais alimenta um potencial de violência que pode ser liberado quando o indivíduo se expressar por meio da derrisão e, assim, recorrer-se ao humor, lugar que é considerado socialmente aceito (MERCIER, 2001).



figura 5 (02:05 – 02:10)

E1: Lula Geógrafo

E2: “O continente americano e o continente árabe (sic) não podem, mais no século XXI, ficar à espera de serem descobertos”. (Falando na Síria, em 04 de abril de 2004).

A terceira regularidade derrisória pesquisada nos mostra o mais frequente dos adjetivos de desqualificação encontrados nas quatro vídeomontagens, a afirmação de que Lula é desonesto e, por isso, corrupto, mentiroso, trapaceiro.



figura 6 (04: 02 – 04:05)

E2: “e isso acontece com os grandes projeto(s) de desenvolvimento”

Soa a campanha



figura 7 (04:06-04:10)

Em *Lula o analfabeto* (figuras 6 e 7), ao se referir aos grandes projetos citados por Lula como algo que só acontece no “papel”, o sujeito-enunciador pretende afirmar que Lula não cumpre com o que promete, que seu discurso não é coerente com as atitudes, ele promete, mas não faz. O enunciado reforça a ideia de que ele é mentiroso e, por isso desonesto.



figura 8 (02:21)

Impeachment Já

Pois o menor dos pecados de Lula é a bebida...

Sua convivência com a *corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética*. Tudo isso somado ao fato de que ele acha estar salvando o país, tão somente lastreado na sua imagem, como se ele fosse a reencarnação de Deus.

Pois nada existia antes de sua chegada ao poder...

Francamente... *CHEGA DE LULA Impeachment Já* (grifos nossos).

A figura 8 foi retirada da vídeomontagem *Lula Bebum* e também tem como objetivo afirmar que Lula é desonesto; o trecho: “*corrupção, improbidade administrativa, falta de decoro e ética*” pode atestar nossa hipótese. O recorte acima pode ser um exemplo claro de *derrisão agressividade* em que é possível ser hostil em relação ao Lula, mostrar a indignação do indivíduo de forma severa e contundente sem que sofra penalidades em relação a isso e as ideias desagradáveis inseridas de forma direta mostram que não se teme represálias ou reações violentas (MERCIER, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando retratamos o político derrisoriamente estamos invertendo uma ordem de poder pré-estabelecida, ou seja, o presidente da república seria aquele que possui a autoridade de maior destaque e, no imaginário social, de maior poder. Todavia, quando o presidente é traduzido derrisoriamente, o internauta e o produtor das vídeomontagens comungam de uma posição de superioridade em relação ao presidente.

Além disso, Lula diferentemente de outros políticos, adota um comportamento e um discurso que favorece a construção de um discurso derrisório porque ele não observa seus próprios atos, é como se ele não utilizasse uma filtragem do chamado “bom senso” ou o que espera o senso comum de um presidente. Desse modo, é possível instalar a contestação e instaurar a derrisão, pois quem é vítima da derrisão geralmente “cometeu” algum ato que é considerado falho diante da sociedade; o sentido que se pretende construir é sempre por intermédio de implícitos disponibilizados pela surpresa que proporciona a construção do humor.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARONAS, R. L. *Textualizações derrisórias do político: notas sobre um caso de heterogeneidade dissimulada*. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P.; DIAS, M. F. **Estudos em Ciências da Linguagem: diálogos, fronteiras, limites**. Cáceres: Editora Unemat, 2008. p. 141-154

BONNAFOUS, S. *Sobre o bom uso da derrisão em J.M.Le Pen* Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

FEUERHAHN, N. *La dérision, une violence politiquement correcte*. In: HERMÉS – Revue. *Dérision – contestation*, n°29, CNRS, Éditions, 2001.

KRIEG, A. *Vacances argumentative: l'usage de (sic) dans la presse d'extrême-droite contemporaine*. In: BONNAFOUS, S.; FIALA, P. (Dir.). *Argumentations d'extrême-droite. Les langages du politique*. *Mots*, número 58, março de 1999, p.11-34.

Lula Bebum. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=mOj_gOsGeNM Acesso em 19 de dez. 2019.

Lula o analfabeto. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oSYv6RMraLQ> Acesso em 19 de dez. 2019.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MERCIER, A. *Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs*. (Introduction) In: HERMÉS – Revue. *Dérision – contestation*, n° 29, CNRS, Éditions, 2001.

NOUVEAU PETIT ROBERT: dictionnaire analogique ET alphabétique de la langue française. Bruxelles: Bureau Van Dijk, 2001. CD-ROM